Ano IX Lisboa, 15 de Fevereiro de 1934 N.º 421

DIRECTOR AUGUSTO DE SANTA RITA

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL O SECULO

AQUELES OITO BOTÕES...

POR LAURA CHAVES DESENHOS DE CASTAÑÉ

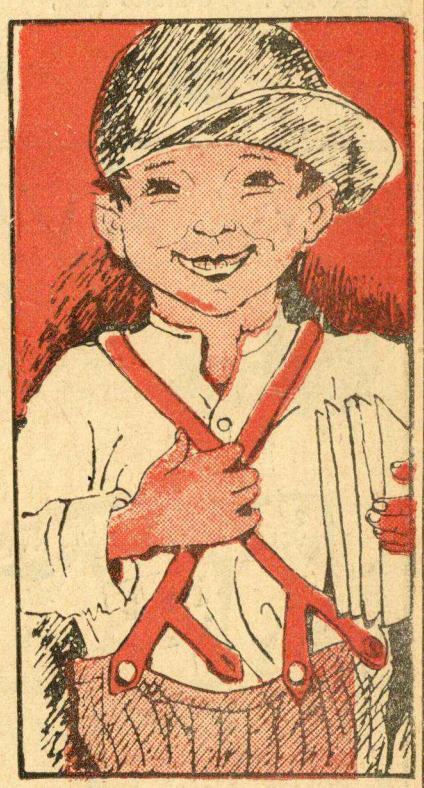
AQUELES sete botões,
reles, puídos, cansados,
seguravam uns calções
vèlhinhos, esfarrapados.

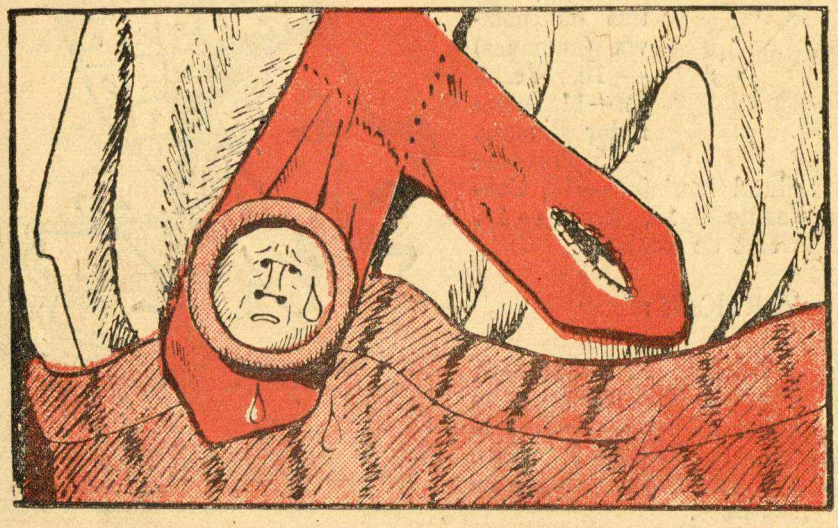
O seu dono era um garôto
que tinha perdido os pais
e andava descalço e rôto
na rua a vender jornais.

Com uma fita cruzada
fizera «os seus suspensórios»
e dizia por piada
não os haver mais finórios.
Esta fita e os botões,
sem nunca terem sueto
seguravam os calções
do garôto irrequieto.
Os botões eram só sete,
porém, casas eram oito.

Mas um de maior topête
que no trabalho era afoito,
passava uma triste vida,
sempre em esfôrço duplicado
porque a fita — essa atrevida —
o trazia derreado.

Dava-lhe cada puxão!...
Faltava-lhe companheiro
e o desgraçado botão
transpirava o dia inteiro.
Pensava, assim, conformado:
'Inda hei-de ter a alegria
de ver mudar o meu fado,
de eu ter também companhia.
Uma dúvida me assalta,
me torna meditabundo,
dizer-se que há tanta falta
de botões cá neste mundo!
Aqueles que aqui trabalham
tão cansados como estão,
se um dia morrem, se falham,
isto tudo vai ao chão!

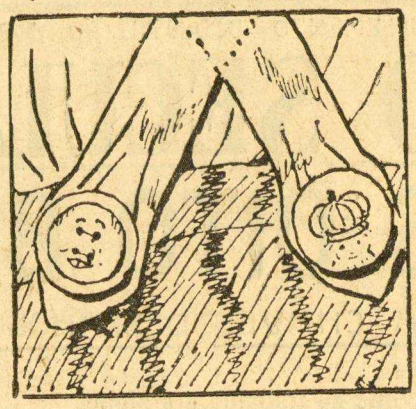




Um é cego, outro, com frio,
treme, treme, enregelado.
Um outro está por um fio
e há já um, todo quebrado.
O que era preto está verde,
um que é de osso está na espinha.
Afinal tudo se perde
nesta vida tão mesquinha.
Fracos, velhos e doentes,
— vejam lá que valôr tem!
de raças tão diferentes,
como trabalhamos bem!

Ora, uma noite, o garôto,
no seu giro habitual,
junto à sarjeta do esgôto
viu um botão de metal.
Logo, então, o apanhou,
não perdeu a ocasião
e num instante o pregou
ao lado do tal botão.
Perante tanta riqueza
o pobre ficou vexado,
dizendo: — tenho a certeza
que veio aqui enganado.
Neste meio, assim tão pobre,
o que poderá fazer?
Êle tão rico e tão nobre
grande madraço há-de ser!
E resmungou: — *Que pãozinho!*
Ora o frasquinho de cheiro!
Antes quero estar sózinho
que tê-lo por companheiro.
Não deve aguentar puxões!
Êle é só bom, jurarei,
para prender os calções
dum duque ou talvez dum rei.
Disse-me isto, e muito mais,
certa linha viajada:
que os reis não vendem jornais,
que nem mesmo fazem nada.

Ora, foi nesse momento
que, não sei porque razões,
houve um esfôrço violento,
pondo à prova esses botões.
Ficaram todos pasmados



quando viram o ricaço,
de olhos muito esbugalhados,
também curvar o espinhaço
fazendo fôrça inaudita,
— embora estranho pareça —
para que a Senhora Fita
lhe não levasse a cabeça!
E o nosso amigo botão,
que dele desconfiara,
não sentiu tanto o puxão
porque o outro o ajudara.
Depois de vencer perigos
e ter dado provas bastas,
ficaram todos amigos,
sem nenhum pensar em castas.
Da grande fôrça possuídos,
o nobre mais os plebeus
vivem no trabalho unidos
tal como os anjos com Deus.

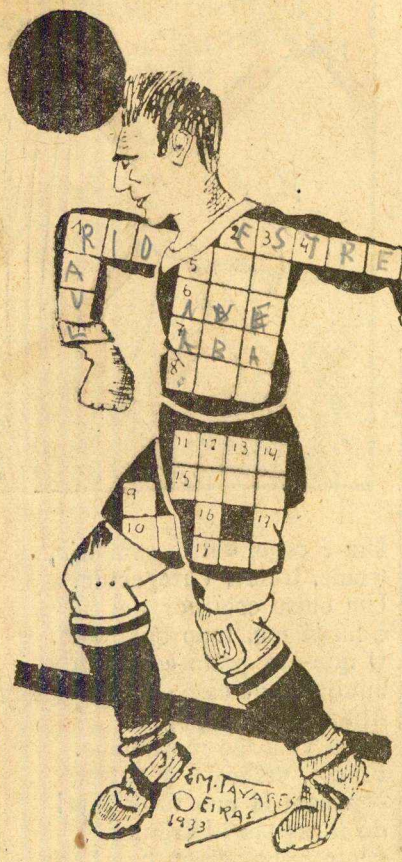
. . . . . .

Não diferem rico e pobre
quando cumprem seus deveres:
«No trabalho, rude e nobre,
é que se igualam os seres».

F I M

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS



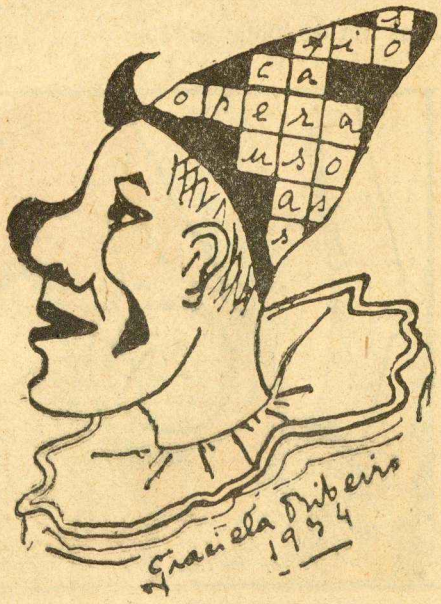
HORISONTAIS:

1, Corrente de água — 2, Arco existente em Paris — 5, Contorno duma moldura — 6, Rio português — 7, Que existe nos chapeus — 8, Letras da palavra (humanos) — 10, Verbo ser — 11, Imperador Romano — 15, Pronome plural feminino — 16, Consoante — 17, Vogal — 18, Nome de mulher.

VERTICAIS:

1, Nome de homem — 2, Uma das divisões do povo entre os antigos — 3, Flôres — 4, Vogal — 5, Nome que os maometanos dão ao seu deus.

Solução do problema anterior



Uma diabrura de Silvano

Ao pequenino Silvano para que êle, mais tarde, evoque uma das suas muitas diabruras.

SILVANO é um esperto e irrequieto diabrete de quatro anos de idade. O seu maior prazer consiste nas diabruras com que, de vez em quando, mimoseia a pobre Suzy, sua irmãzinha mais nova do que êle um ano.

Um dia, pé ante pé, Silvano foi muito mansamente ao quarto dos brinquedos de Suzy e tirou de lá um lindo coelhinho de veludo cinzento e olhitos vermelhos, que ela havia recebido como presente de Natal.

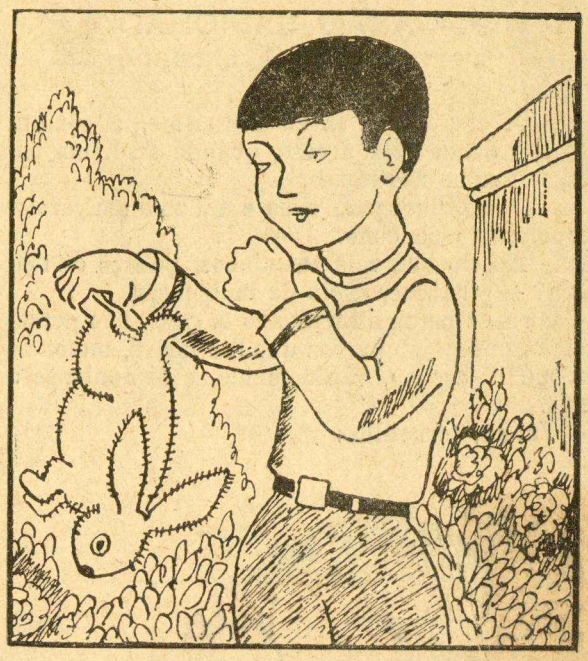
Com êle debaixo do braço, foi para o jardim. Aí, com a mão esquerda, segurou-o pelas patas trazeiras, emquanto, com a direita, lhe aplicava um violento sôco nas orelhitas.

—«Pronto; está morto!» exclamou. Faltava tirar-lhe as tripas... Com uma tesoura começou a abrir-lhe a barriga e logo o algodão, que o enchia, se espalhou a seus pés.

Entretanto, aparece Suzy que, ao deparar os despojos do seu querido coelhinho, se põe a chorar. Ouvindo o seu chôro, surge o pai que, compreendendo o motivo da sua aflição, repreende severamente Silvano por haver estragado o lindo coelhinho da Suzy,

Então, Silvano, com as lágrimas nos olhos mas contendo-as, exclama para o pai:

—«Papá, vem comigo...» E emquanto dizia isto, puxava por uma das suas mãos, encaminhando-o para a cozinha onde a Arminda, a



cozinheira, esfolava um coelho para o jantar.

Chegado lá, Silvano entre soluços, e já com as lágrimas a saltarem dos olhos, prossegue para seu pai:

—«Tu, por certo, não queres mais à Arminda do que a mim, pois não? Nesse caso, anda... ralha-lhe também.»

Acilegra

DESTINOS

por GRACIETTE BRANCO

NO

Próximo número

Chamamos a atenção dos nossos pequeninos leitores para a novela infantil que, no próximo número, começaremos a publicar, e que, certamente, despertará grande interesse por ser da autoria de D. Graciette Branco.

MONTANHA MARAVILHOSA

É o título da linda novela infantil, que ROSA SILVESTRE escreveu, expressamente, para os pequeninos, e que «Editorial-Século» pôs à venda, com magníficas ilustrações de Roberto de Araujo, ao preço de **5 ESCUDOS** cada volume.

Meninos: — Atenção!...

O ladrão dos ninhos e o saltarico

Por ANÃO SABICHÃO
Desenhos de A. Castañé

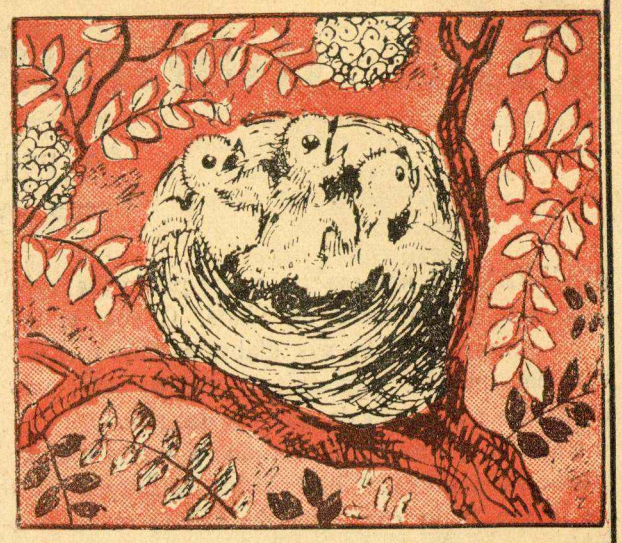
UM dia dêstes, ia eu sentar-me, à sombra duma bela árvore, quando senti um barulho nos ramos.

Olhei para cima e dei com um garôto, empoleirado no cimo.

— Aposto que vais aos ninhos, pedaço de mariola? — gritei-lhe, cheio de indignação.

O rapaz parou atrapalhado e, como não percebesse donde vinha a voz que lhe falava, tomou-se de mêdo, desceu, ràpidamente, e dispunha-se a fugir.

Vai eu, tornei-lhe:



— Pára aí! Ouve lá! Não é nenhum papão! Sou eu, o Anão Sabichão.

— O quê? Aquele que veiu a Lisboa, de propósito, para conversar com os leitorsinhos do *Século?* — preguntou, interessado.

Êsse, em pessôa! E, aqui onde me vês, sou uma espécie de confessôr! Todos os rapazinhos têm de ser muito verdadeiros comigo, porque se êles não se confessam, com a minha arte de bruxo, sou eu que os adivinho. Anda, dize lá, ias aos ninhos, hein?

— Sim, senhor Anão! Há, lá em riba, um tão jeitozinho! Tem três melrinhos, mesmo de encantar!

— Para que queres tu os melros pequenos? Não sabes que êles morrem, sem os pais?

— Não, que eu tratava-os bem! Já lá tinha uma gaiola para os meter e dava-lhes alpista.

— Olha lá, e tu gostavas que te roubassem ao teu pai

SER PORTUGUÊS

(DIALOGO)

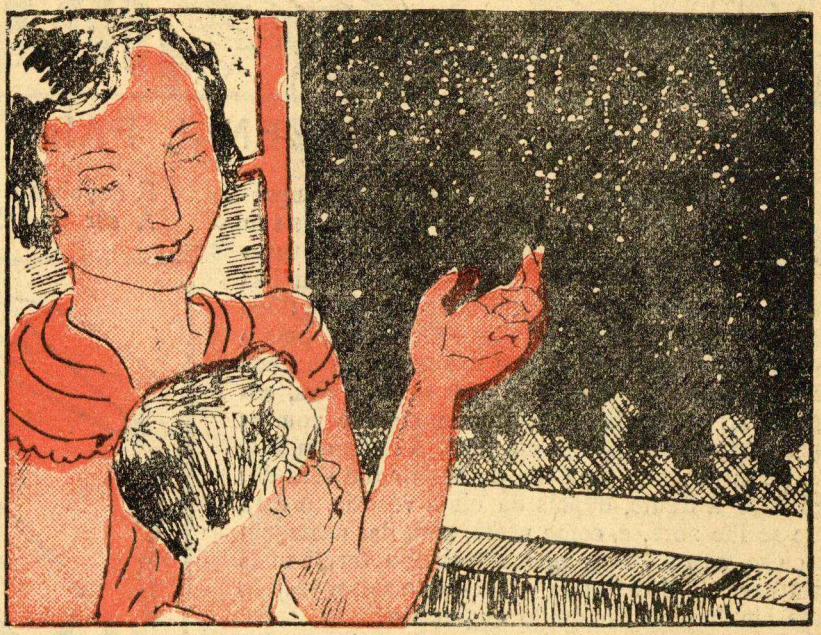
Por Augusto de Santa Rita — Desenhos de A. Castañé

— «Mamã, que é ser português?»
preguntava, certa vez,
o pequenino José.

Responde a Mãi: — «O que é
ser português, filho meu?
Ai, vamos a ver se o teu
entendimento, inda a abrir,
conseguirá atingir
o que esta expressão singela,
encerra lá dentro dela,
de graça nobre, impoluta.
Que é ser português? Escuta:

E' ser-se de Portugal...
Ter a dita, sem igual,
de haver nascido na Terra
que mais encantos encerra,
que maior beleza tem.»

— «E' isso só, minha Mãi?»



— «Não, meu filho, é mais ainda,
é ter uma alma linda,
num corpo perfeito e são.

Ter dentro do coração
ora ansiedade ora calma;
é ter brandura na alma
e muito vigôr no braço!

Olhar, através do Espaço,
cada estrelinha que brilha
e saber ler na Cartilha
dessa Amplidão sideral,
em caracteres de luz,
o nome de Portugal
e tudo o que êle traduz!»

FIM

---

e à tua mãi e que te metessem também numa gaiola?

— Isso não, está bem de vêr! Mas é que eu queria-os para brincar! São tão engraçadinhos!

Fez, então, uma carinha muito triste e acrescentou:

— Que eu cá não tenho «bonitos»!...

— O quê? Nem um pião?!

— A mãi diz que o dinheiro só chega para a mercearia... — explicou, tristonho.

— Pois bem, — volvi eu — se me prometes que nunca mais serás ladrão de ninhos, que é uma acção muito feia, — tão feia que só rapazinhos sem coração procedem assim! — eu vou-te fazer um brinquêdo. Queres?

— Se quero! — exclamou o pequeno com os olhos a brilharem de satisfação.

Mostrei-lhe, então, uma noz que levava no meu farnel e disse-lhe:

— Pois, desta noz, vou-te arranjar um saltarico.

— Um saltarico? O que é? inquiriu o garôto espantado.

— Espera um bocadinho! Já vais ver como êste Anão, levado da breca, consegue divertir um rapazinho com meia casca de noz. Depois me dirás se o nome de Saltarico não lhe vai mesmo a matar!

¡Enquanto êle seguia os meus movimentos che o de curiosidade, eu partia a noz com muito cuidado, para que a casca se dividisse em duas, sem ficar quebrada.

— Come lá o miôlo e dá-me o resto.

E o garôto assim fez.

Depois, êle foi trincando satisfeito e eu continuei o meu trabalho.

Com um alfinete em braza, que passei por um fósforo acêso, fiz um buraquinho numa das meias cascas.

Enfiei, nêsses buracos, uma linha ensebada, no meio delas coloquei um pauzinho, o qual, torcendo as linhas, formou uma mola. E' a isto que se chama torniquête. Desenrolei, então, ràpidamente, a linha, dizendo:

— Dona noz,
catrapoz,
corre veloz!

Não lhes digo mais nada!...

SECÇÃO QUINZENAL PARA MENINAS

A FINAL não é ainda hoje que venho ocupar-me dos vários pontos de costura mas sim traser-vos mais um modêlo de «parure» de boneca — a cinta — que as minhas lindas abelhinhas vão executar a «ponto pé de flôr». Não preciso explicar-vos como êle se faz, pois o desenho mostra bem a sua execução. Esta peça corta-se muito facilmente; é uma simples tira, um pouco arredondada na parte de cima e com as duas pontas terminando em bico. A cada um dêstes bicos prega-se uma fita de nastro que vem dar um laço á frente, depois da cinta vestida. A casa que se lhe abre, é, como vêem, para dar passagem á outra ponta. Com pouco trabalho tereis mais esta peça do enxoval do «Bébé», que assim vestido com ela, há-de ficar muito engraçado!

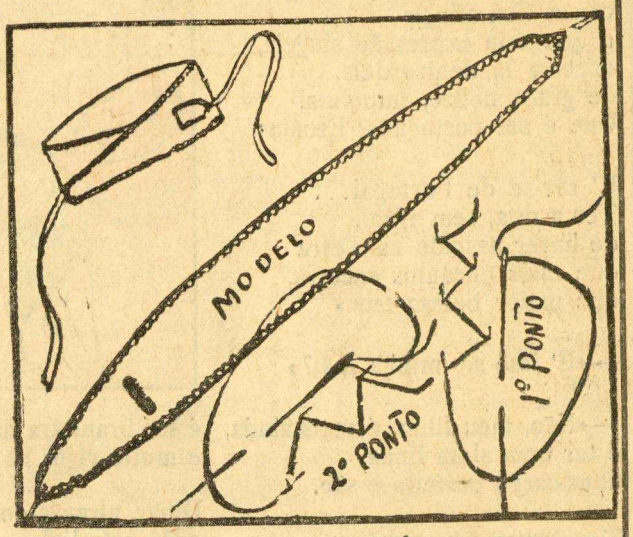
O tecido mais próprio para a cinta é o *piquet*, mas também não fica mal em pano branco.

Nem sempre podemos fazer as coisas como queremos; temos muitas vezes de nos contentar com o que está ao nosso alcance.

Mas estou convencida de que se pedirem á vossa querida Mãizinha para rebuscar bem os retalhinhos que Ela guardou dos vossos fatinhos do verão, lá encontrarão o *piquet* desejado.

E depois êle é tão pouco!

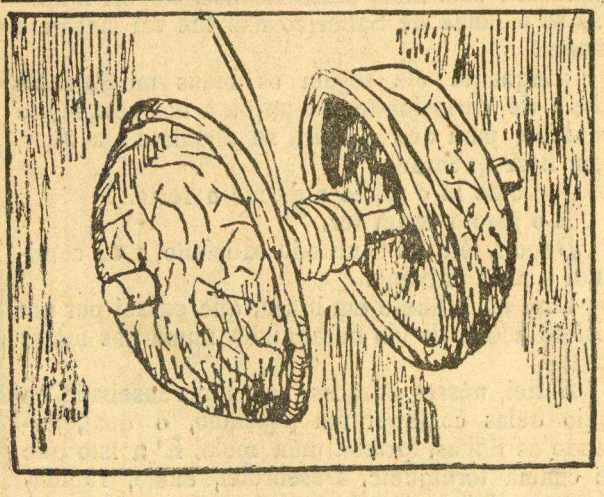
A côr do bordado deixo á vossa fantasia, no



entanto, aconselho-vos que, para bonecas, um pontinho de côr sempre torna o trajo mais garrido!

Abraça-as a todas a

ABELHA MESTRA



sem parar,
a saltar,
Dona noz,
catrapoz,
aos pulinhos,
aos saltinhos,
ia e vinha,
já sem linha!

O rapaz ria divertidíssimo! E o que eu sei é que nunca mais largou o bonito!

Daí a pouco, todos os garôtos, ali da rua, tinham aprendido a fazer saltaricos e tão distraídos passavam o tempo que nunca mais se lembraram de subir às árvores para roubar ninhos.

Os meninos que me leem, bem mais felizes que os garotinhos da rua, certamente possuem uma infinidade de bonecagem, mas, se alguma vez quizerem mais um, aí lhes fica a receita, contanto que não se esqueçam de recomendar sempre ao Saltarico:

Dona noz,
catrapoz,
corre veloz!

E eis aqui o que, por hoje, vos ensinou, com perfeição o

Anão Sabichão

FIM

CHARADAS COMBINADAS

+ gar—aventurar
+ trir—rinchar
+ ga — reptil

Conceito: povo da Grécia

+ na—proprietária
+ o—curso de água
+ ga — reptil

Conceito: povo da Grécia

+ te—Ponto cardial
+ que—Jardim
+ ba — habitação dos índios
+ nos—forma do pronome «nós»

Conceito: povo da Grécia

+ ga — Réptil
+ mos—Universo

Conceito: povo de Itália

+ la — fila
+ ça — geração
+ ta — quadrúpede

Conceito: povo do norte de Africa

ADIVINHA

Esta menina tem um cãozinho. Vejam se o descobrem.

CHARADAS EM FRASE

Este *homem* cantando a *Canção da Severa*, toma um aspecto *reles*, 1-2.

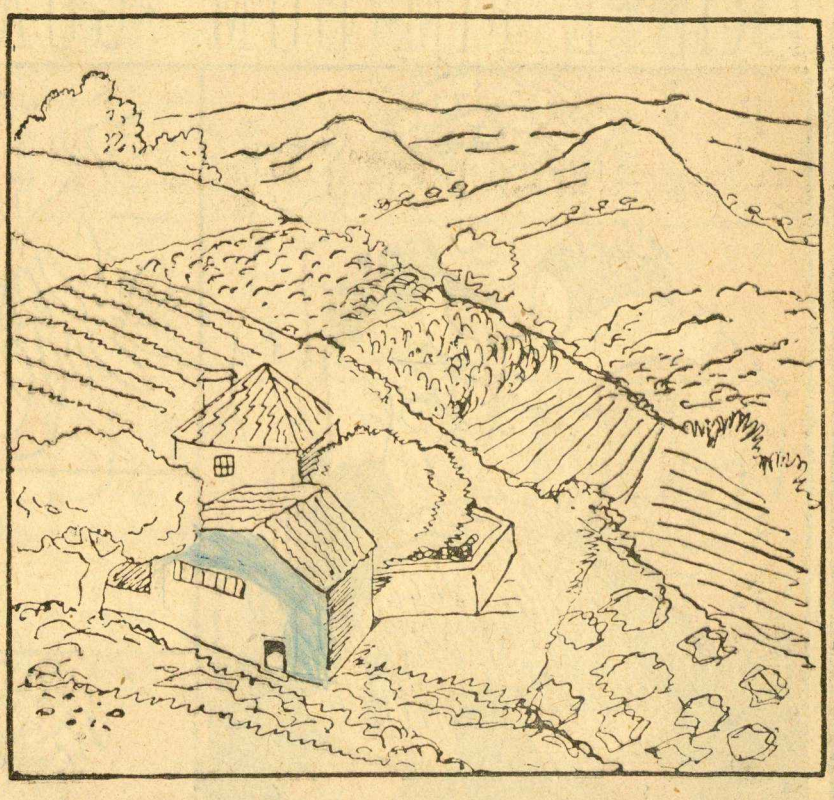
Este bicho *maior* e *sem vista* lembra um *insecto nocturno* 1-2.

A *atmosfera* desta *provincia portuguesa* tem a maciesa duma *branca pele* 1-2.

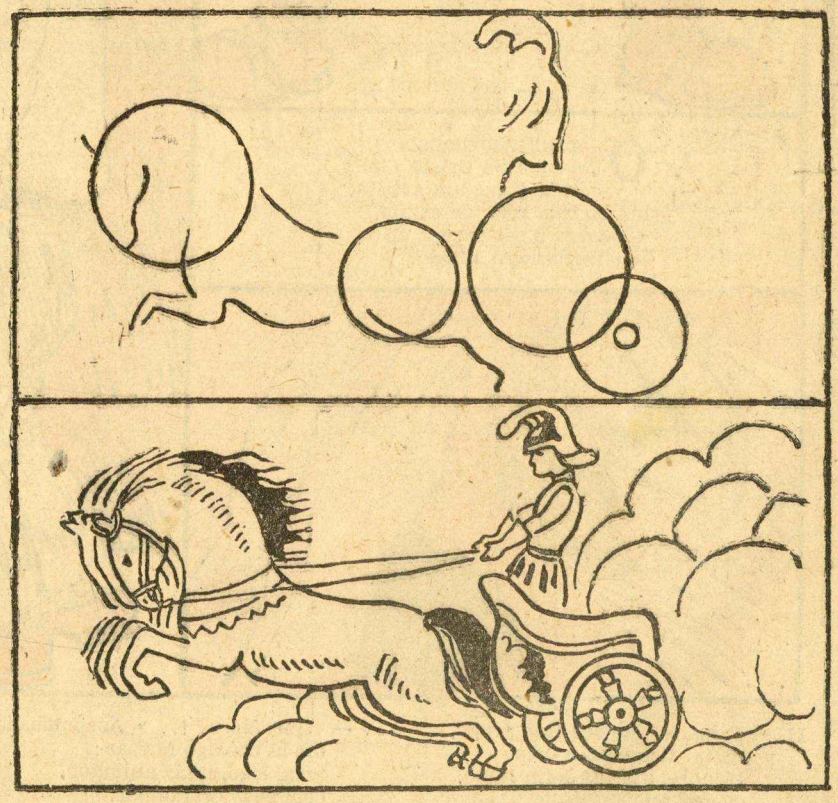
Alguma coisa oferecem sempre os vendedôres dêste tecido 2-1.

Solução das anteriores: 1, Túlipa; 2, Bochecha; 3, Avelã; 4, Costela; 5, Fula-pipa. 1, Jornalista; 2, Boticário; 3, Pimpão.

PARA OS MENINOS COLORIREM

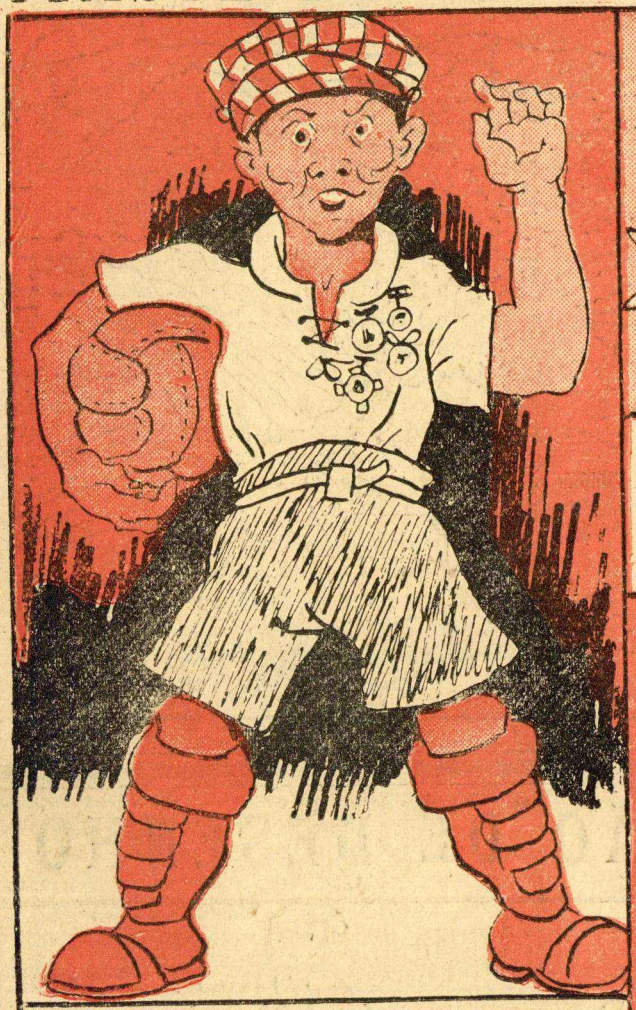


LIÇÃO DE DESENHO

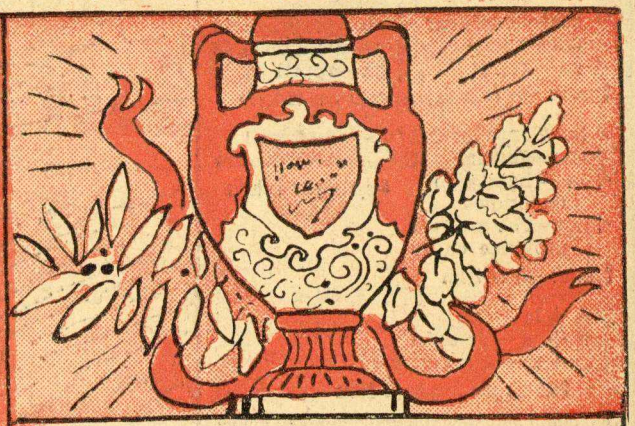


Como se desenha uma quádriga

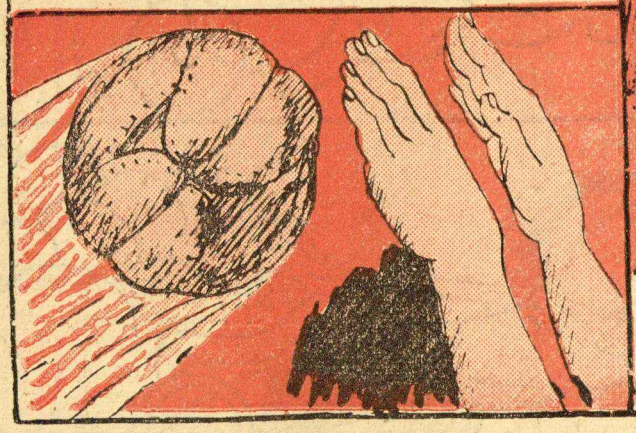
TRISTE FIM DUM «GUARDA-RÊDE»



I — O grande futebolista
Matias Sá Crista Galo
era a jogar um artista,
um guarda rede de estalo.
Chegava a ser para a vista
um verdadeiro regalo.



II — Sua vida desportiva
cheia de prémios, então,
fôra tão bela e activa
que o tornara um campeão,
na constante roda viva
da sua bola no chão.



III — Ninguém, do seu fixe grupo,
assim defendia a bola.
Um dia, um tal John Lupo,
de amarela camisola,
venceu-o e, num grande apupo,
Matias foi-se à viola.

IV — «Que fazer? !...» Azabumbado,
diz lá consigo Matias;
mas, logo, mais animado,
com suas economias,
resolve pôr um mercado
de melões e melancias.

V — E assim consegue alcançar
prémio de consolação,
pois cada vez que ergue ao ar
as melancias na mão,
Matias tem a ilusão
de estar ainda a jogar!